



A CULTURA FÍSICA NA TEORIA DOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS: APORTES DE UM CAMPO EM ASCENSÃO¹

Larissa Michelle Lara²

RESUMO

Este texto investiga a cultura física na teoria dos Estudos Culturais Físicos a partir de produções acadêmicas ligadas, prioritariamente, ao Grupo de Pesquisa Physical Cultural Studies (PCS) na Universidade de Bath, Reino Unido. Conclui-se que a cultura física, nessa abordagem teórica, transcende a fisicalidade ao ser investigada na relação com dimensões contextuais que revelam a diversidade de práticas, representações e forças constitutivas ligadas ao corpo in(ativo) na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais Físicos; Cultura Física; Produção de Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

Os Estudos Culturais Físicos – *Physical Cultural Studies* – têm se constituído como um campo de investigação de inúmeras práticas que integram a chamada “cultura física”, problematizando-as a partir de suas representações discursivas e realidade empírica no sentido de intervenções que impactem diretamente na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Do desdobramento da teoria dos Estudos Culturais – *Cultural Studies* – que nasce como disciplina acadêmica na Universidade de Birmingham, em 1964, em meio ao questionamento das formas elitistas de entendimento da cultura, dos processos de dominação e resistência, da cultura popular e da cultura de massa (entre outras temáticas), surgem os Estudos Culturais Físicos, ao final da década de 1990, com foco na abordagem do corpo (in)ativo em sua dimensão contextual e em suas relações de poder em meio à diversidade de gênero, etnia, classe, habilidade, geração, nacionalidade, raça e /ou diferenças sexuais (SILK, ANDREWS, 2011).

Embora as práticas culturais físicas sejam produzidas a partir de contextos sociais e históricos, como identificam Silk e Andrews (2011), elas também estão ativamente envolvidas nas condições a partir das quais emergem, tendo um caráter não-reducionista, ressaltando-se sua multidirecionalidade, fluidez e capacidade de articulação teórica. Como abordam Silk, Bush e Andrews (2010, p. 112), o físico passa a ser central nessa teoria, pois é “[...] o local, o evento, o momento em que as divisões sociais (isto é, aquelas baseadas em classe, etnia, gênero, habilidade,

¹ Pesquisa desenvolvida com o apoio conjunto da CAPES e da Fundação Araucária por meio da CP 17/2015 – Programa de Bolsas de Estágio Pós-Doutoral no Exterior para Docentes.

² Universidade Estadual de Maringá (UEM), lmlarauem@gmail.com

normas geracionais, nacionais, raciais e/ou sexuais) são impostas, experimentadas e às vezes contestadas”.

Discutir como a cultura física é deflagrada no interior dos Estudos Culturais Físicos, como entendo, pode fomentar debates no contexto da educação física brasileira, incluindo a revisão de conceitos. Em complemento, a teoria dos Estudos Culturais Físicos pode vir a somar às lutas que travamos cotidianamente em prol de uma educação física qualificada, de uma produção científica que faça sentido à vida das pessoas, do questionamento das formas neoliberais de organização da universidade e de racionalização do conhecimento, notadamente no que chamamos de subáreas sociocultural e pedagógica. Por esses caminhos, as reflexões epistêmicas propostas acenam para nossas responsabilidades éticas como pesquisadores e educadores na produção de um conhecimento que se dê também como forma de intervenção social.

2 DOS CAMINHOS METODOLÓGICOS

O interesse em entender como o conceito de cultura física é desenvolvido nos Estudos Culturais Físicos deu-se a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido junto à Universidade de Bath, no Reino Unido, sob a colaboração de Emma Rich, como resultado do estágio pós-doutoral viabilizado com o apoio da CAPES e da Fundação Araucária. O interesse por esse estudo deu-se sobretudo porque, nos últimos anos, tenho me aproximado dos Estudos Culturais britânicos a partir dos escritos de Stuart Hall. Apesar dessa aproximação, desconhecia a teoria dos Estudos Culturais Físicos como desdobramento dos Estudos Culturais, o que me motivou a buscar esse conhecimento junto ao Grupo de Pesquisa *Physical Cultural Studies* (PCS), na referida universidade, que tem o mesmo da teoria que o alicerça.

O caminho metodológico adotado para esse texto inclui a tematização da cultura física a partir das incursões teóricas por artigos científicos escritos por membros do PCS, no período de 2009 a 2016, como autores ou co-autores, selecionadas a partir das expressões “physical culture” e/ou “Physical Cultural Studies”. A coleta de dados parte da produção vinculada à Universidade de Bath, mas a reflexão teórica transcende a partir do momento que os escritos ocorrem também em co-autorias com pesquisadores de outras universidades, no Reino Unido e em outros países, assim como são construídos em meio ao diálogo com pesquisadores que teriam lançado as sementes para a criação e desenvolvimento dos Estudos Culturais Físicos.

3 A CULTURA FÍSICA NOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS

Os Estudos Culturais Físicos – *Physical Cultural Studies* – nascem como um campo de estudo complementar à Sociologia do Esporte a partir do interesse de alguns pesquisadores em promover a compreensão da cultura física por meio do corpo físico (in)ativo considerado em seus modos de mover-se, em seus significados, contextos históricos, sociais, políticos e em suas relações de poder. Tem sua origem no seio da sociologia do esporte e aporte nos Estudos Culturais Britânicos (SILK, ANDREWS, 2011), por meio da adoção de um método multiperspectívico, caracterizado pela interpretação, crítica e desconstrução do objeto de análise a partir de técnicas e métodos diversos, nem sempre consensuais e conciliadores.

Como informam Andrews e Silk (2011), os Estudos Culturais Físicos são um nome usado para englobar uma estrutura emergente, pouco constituída, de uma comunidade de estudiosos comprometidos com várias expressões da fisicalidade, de modo que elas não fiquem restritas ao esporte, ao foco empírico ou à excessiva obrigação à teoria. Para tanto, lembram que embora procurem dar a sua contribuição à propagação desse campo no sentido de seu crescimento intelectual, outros estudiosos “[...] foram responsáveis por semear ou nutrir as raízes do PCS” (SILK, ANDREWS, 2011, p. 6, tradução nossa), sendo lembrados Duncan (2007), Hargreaves e Vertinsky (2007), Ingham (1997), McDonald (1999) e Pronger (1998). Tais estudiosos lançaram as bases iniciais do que viria a se configurar como os Estudos Culturais Físicos, embora nem todos utilizem tal terminologia, já naquele momento.

A tematização da cultura física nessa abordagem volta-se à compreensão contextualizada das práticas corpóreas, dos discursos e das subjetividades a partir do entendimento de como os corpos (in)ativos se organizam, representam e experienciam relações de poder social. Silk, Francombe e Andrews (2014) argumentam que “o corpo deveria ser o ponto focal de todo o espectro de nossos esforços acadêmicos” (1273, tradução nossa) e que isso não se refere somente à “pesquisa acadêmica crítica das políticas culturais do corpo”, mas a muitas possibilidades de pesquisa com esporte, ensino, conhecimento e trajetórias metodológicas que focam a compreensão do corpo (in)ativo e (não) saudável em suas relações de poder, por meio de abordagens e perspectivas apoiadas por agendas intervencionistas que percebiam o conhecimento como aplicável.

O conceito de cultura física que se observa junto ao Grupo de Pesquisa PCS, na Universidade de Bath, por sua amplitude e interdisciplinaridade, traz consigo abordagens teórico-metodológicas bastante diversas, as quais possibilitam a construção de redes complexas de análise. A palavra “física” que integra a expressão cultura física, como advertem Bush e Silk (2010), a partir do diálogo com Ingham (1997) e Andrews (2008), para citar alguns, retrata as várias dimensões da fisicalidade que formam o espaço cultural complexo e diversificado de investigação. Silk *et al.* (2015, p. 801, tradução nossa) entendem o físico como “[...] um local complexo de múltiplas camadas repleto de tipos de eventos que podem acontecer e de fato ‘acontecem’ – o produto e o produtor de numerosos sistemas e discursos sobrepostos (econômicos, político, estético, demográfico, regulador, espaciais) que criam uma totalidade social complexa desconcertante, dinâmica e coerente”.

O conceito de cultura física desenvolvido pelos pesquisadores do Grupo PCS e alguns dos autores com os quais eles dialogam encontra-se livre de perspectivas fragmentárias e unilaterais no trato do esporte, do corpo, da atividade física e da saúde, focado em uma dimensão interdisciplinar de densa crítica social. Nessa direção, Silk, Bush e Andrews (2010) esperam que suas indagações possam ser tomadas como meios de reflexão acerca da diversidade de expressões da fisicalidade em contextos materiais do cotidiano, como possibilidade de interlocução crítica sobre política cultural, democracia multirracial, econômica e política, questionando a dinâmica do mercado e o consumismo, a ideologia neoliberal e suas instâncias de poder, os processos de globalização, o rigor baseado em evidências e o que entendem por qualidade, pautada numa “ética de responsabilidade pessoal e comunitária” (p. 119) que une pesquisador e pesquisado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda abordagem em processo de implementação e consolidação, os Estudos Culturais Físicos requerem estudo e engajamento de pesquisadores e comunidade envolvida, os quais articulam-se nas suas diferenças para pensarem e promoverem uma cultura física que tenha “sentido” para os sujeitos a partir de um acesso democrático e justo a essa cultura. Nessa direção, os escritos trazem, em geral, demarcações bastante audaciosas, haja vista que o desenho teórico-investigativo pautado nos Estudos Culturais Físicos exige coragem e despojamento para se desvencilhar das “amarras” – inclusive institucionais – que possam dificultar ações pautadas na argumentação crítica e na intervenção apropriada numa dada realidade social.

A cultura física, nessa perspectiva teórica, pensada como forma de expressão da cultura para “além do físico”, tem sua materialidade e representação no corpo (in)ativo, estudado em sua saúde, doença, raça, etnia, gênero ou sexualidade, bem como dimensionado contextualmente a partir das forças constitutivas e atuantes na sociedade. Seu estudo tem configurado formas de um fazer científico não tradicional em meio a modos de conhecer diversos e criativos, de respeito aos sujeitos que colaboram nesses processos investigativos.

THE PHYSICAL CULTURE IN THE THEORY OF PHYSICAL CULTURAL STUDIES: CONTRIBUTIONS OF A FIELD IN ASCENSION

ABSTRACT: This text investigates physical culture in the theory of Physical Cultural Studies from the academic research produced mainly by the Research Group Physical Cultural Studies (PCS) of the University of Bath, UK. It is concluded that physical culture, in this theoretical approach, transcends physicality as it is comprehended in relation to the contextual dimensions that reveal the diversity of practices, representations and constitutive forces linked to the (in)active body in society.

KEYWORDS: Physical Cultural Studies; physical culture; production of knowledge.

LA CULTURA FÍSICA EN LA TEORÍA DE LOS ESTUDIOS CULTURALES FÍSICOS: CONTRIBUCIONES DE UN CAMPO EN ASCENSIÓN

RESUMEN: Este texto investiga la cultura física en la teoría de los Estudios Culturales Físicos a través de producciones académicas relacionadas principalmente con el Grupo de Investigación Estudios Culturales Físicos (PCS) en la Universidad de Bath, Reino Unido. Se concluye que la cultura física, en su enfoque teórico, trasciende el aspecto físico cuando investigada en relación con las dimensiones contextuales que muestran la diversidad de prácticas, representaciones y fuerzas que están relacionadas con el cuerpo (in)activo en la sociedad.

PALABRAS CLAVES: Estudios Culturales Físicos; cultura física; producción de conocimiento.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v.60, n. 1, p.46-63, 2008.

ANDREWS, D. L.; SILK, M. Physical Cultural Studies: engendering a productive dialogue. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p. 1-3, 2011.

BUSH, A.; J., SILK, M. Towards an evolving critical consciousness in coaching research: the Physical Pedagogic Bricolage. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.5, n.4, p. 551-565, 2010.

DUNCAN, M.C. Bodies in motion: the sociology of physical activity. **Quest**, v. 59, n. 1, p. 55-

66, 2007.

HARGREAVES, J.; VERTINSKY, P. **Physical culture, power, and the body**. London: Routledge, 2007.

INGHAM, A.G. Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. In: J. FERNANDEZ-BALBOA, J. (Org.). **Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport**. Albany: State University of New York Press, 1997, p. 157-182.

MCDONALD, I. (1999). 'Physiological patriots'?: the politics of physical culture and Hindu nationalism in India. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 34, n. 4, p. 343-358.

PRONGER, B. Post-sport: transgressing boundaries in physical culture. In: RAIL, G. (Org.). **Sport and postmodern times**. New York: State University of New York Press, 1998, p. 277-300.

SILK, M.; ANDREWS, D. L. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v.28, n.1, p. 4-35, 2011.

SILK, M.; BUSH, A.; ANDREWS, D. L. Contingent intellectual amateurism, or, the problem with evidence-based research. **Journal of Sport and Social Issues**, v.34, n. 1, p. 105-128, 2010.

SILK, M. et al. On the transgressive possibilities of physical pedagogic practices. **Qualitative Inquiry**, v.21, n.9, p. 798-811, 2015.

SILK, M.; FRANCOMBE, J.; ANDREWS, D. L. Slowing the social sciences of sport: on the possibilities of physical culture. **Sport in Society**, v.17, n. 10, p. 1266-1289, 2014.